

Orientação profissional: o desafio de discutir a escolha profissional em um curso pré-vestibular

Angelita de Souza^[a], Carolina Macieira Lopes^[b], Diego Tillmann Franzoi^[c],
Mayra Cristiane Batista^[d]

^{[a][b][c][d]} Acadêmicos do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)

Resumo

O presente trabalho constitui-se de um relato de estágio básico ofertado a partir da disciplina de Orientação Profissional Vocacional, no entanto possui um diferencial das práticas habituais de orientação profissional pois o campo onde concentrou-se a intervenção foi um cursinho pré-vestibular comunitário, oferecido a alunos carentes através de um projeto de extensão universitária, além disso os participantes já haviam se inscrito no vestibular e efetuado uma escolha. Nossa proposta consistiu em promover discussões a respeito da escolha profissional bem como a coerência desta com as habilidades e preferências de cada um. Para isto foram utilizadas técnicas que tiveram por objetivo promover o autoconhecimento, instigar a reflexão sobre suas escolhas, bem como buscar informações sobre a realidade profissional e o mercado de trabalho.

Palavras chave: Orientação profissional. Escolha. Pré-vestibular.

Introdução

Com as transformações ocorridas no modo de produção capitalista, no final do século XIX e início do século XX, tornou-se necessário adaptar o homem ao trabalho, visando sua maior produtividade. Surgiu, portanto, a necessidade da Orientação Profissional estreitamente vinculada à Seleção Profissional. Nesta perspectiva, o trabalhador é visto como mão-de-obra que deveria ser melhor ajustado ao trabalho, visando aumentar a produção e diminuir acidentes de trabalho (LEHMAN, 1980 *apud* Neiva, 2007).

O campo de atividades da Orientação Vocacional/Profissional, no Brasil, além de surgir em estreita relação com a Orientação Educacional, teve também seu desenvolvimento na Psicologia, conforme movimentos ocorridos em outros países. Na área da Psicologia Clínica, a Orientação Vocacional Profissional foi considerada por Lehman (1988 *apud* Neiva, 2007), como uma linha relativamente nova, que surgiu com os cursos de Psicologia, cuja regulamentação ocorreu em 1962. Desenvolveu-se em consultórios particulares sob a influência dos trabalhos de Rogers, Moreno e

Bohoslavsky, com o predomínio da estratégia clínica fundamentada na psicanálise freudiana e kleiniana.

A Orientação Vocacional Profissional objetiva orientar na solução de problemas vocacionais e profissionais, portanto, onde houver pessoas com dúvidas relativas a decisões, em qualquer momento de sua trajetória ocupacional, existe a possibilidade de intervenção do orientador. Desta forma, frente à velocidade das transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, novos desafios estão colocados para os profissionais e pesquisadores deste campo de atividades. Aqui, como nas demais áreas do conhecimento, são necessários cada vez mais estudos que possam analisar, sistematizar e aprofundar as técnicas e os recursos empregados nas práticas institucionais da atualidade, assim como avaliar os resultados e os processos das intervenções implementadas. (SILVA & JACQUEMIN, 2001).

O jovem já havia estabelecido identificações na infância, mas na adolescência este processo, segundo Erickson (1972 *apud* Neiva, 2007), sofre uma crise considerada por ele como normal, vital, quando a continuidade de padrões, valores, entre outros, é posta em dúvida e uma busca de novos significados é iniciada. Novos ídolos são buscados, novas idéias e ideais. A integração que se produz para formar a nova identidade é mais que a soma das identidades da infância, é a experiência acrescentada pela capacidade do ego para integrar as identificações, as vicissitudes da libido, as capacidades desenvolvidas e as ocasiões apresentadas pelos papéis sociais.

Para Deutsch (1974 *apud* Neiva, 2007), o adolescente luta uma batalha em duas frentes simultaneamente: o seu mundo interior de conflitos e a relação com o mundo exterior. As forças socioculturais atuam na problemática adolescente, mas os processos psicológicos individuais desta fase determinam, em grande parte, as reações do meio ambiente, num processo de interdependência contínua.

As relações familiares também sofrem alterações na adolescência, onde a ligação infantil desaparece para dar lugar a busca da personalidade própria e independência. Nesta busca pela independência há muitos questionamentos sobre os valores e normas familiares, neste processo o jovem pode incorporar o positivo e o negativo dos modelos profissionais existentes na família. Os valores familiares transmitidos ao adolescente podem influenciar profundamente, positiva ou negativa, a decisão de uma escolha profissional (NEIVA, 2007)

A família pode assumir diferentes posições no processo de escolha profissional de um adolescente. Esta pode agir como pressionadora a uma certa escolha, isto pode

ocorrer consciente ou inconsciente e direta ou indiretamente. Neste tipo de família o adolescente é depositário de desejos, aspirações ou frustrações dos pais. Isto ocorre frequentemente em famílias tradicionais que possuem uma estrutura profissional bem formada (NEIVA, 2007). Neste sentido Filomeno (1997), ressalta que a estrutura familiar cria impedimentos à livre escolha, quer de forma explícita ou sutil, criando dentro do sujeito conceitos, valores, preconceitos sobre determinadas profissões. E isso tudo ainda pode ser reforçado através dos mitos familiares.

Outro posicionamento que a família pode ocupar é de ausente, não se interessando nem participando do processo de decisão do adolescente. Esse tipo de família gera um sentimento de abandono no jovem que necessita sentir o desejo dos pais. Em contrapartida a família pode colocar-se como facilitadora do processo de escolha profissional, esta sem pressionar participa e está sempre aberta para discutir com o adolescente as suas idéias, suas dúvidas, preocupações e expectativas. Ajuda o adolescente buscar informações, respeitando o adolescente para que elabore uma decisão madura e autônoma (NEIVA, 2007)

O jovem quando se propõe a escolher uma ocupação, demonstra, segundo Bohoslavsky (1977 *apud* Lemos, 2001) “estar preocupado com sua pessoa, em relação ao seu futuro” e definir o futuro não implica somente “definir o que fazer, mas definir quem ser e ao mesmo tempo definir quem não ser”. Ele está, portanto, preocupado com um autoconceito em termos atuais e em termos potenciais e a escolha de uma ocupação está ligada à escolha de um estilo de vida. Lemos (2001) explana que a cultura exige do indivíduo o comprometimento com projetos de vida, iniciativa, autonomia emocional, desenvolvimento contínuo; todos os esforços nesse sentido são, no entanto, iniciativas individuais.

Ferreti (1988) destacou que as teorias de Orientação Profissional “se propõem a explicar o processo pelo qual o indivíduo passa ao realizar escolhas”, argumentando ser “a escolha um ato individual e pessoal”, onde interferem fatores individuais e sociais e que os indivíduos “diferem entre si por uma série de características”, como aptidões, interesses, personalidade e outras. (p.44)

Bock (1986 *apud* Neiva, 2007) também faz críticas quando a Orientação Profissional, baseada na concepção de vocação, esconde a realidade que é econômica e socialmente injusta, por colocar no indivíduo toda a culpa pelo seu insucesso profissional. Tanto Bock (1986) quanto Ferretti (1988), questionam se o indivíduo escolhe ou é escolhido e nesse sentido afirmam que existem graus de liberdade de

escolha, dependendo das condições sociais e materiais do indivíduo. A partir destas críticas, ambos desenvolveram propostas de intervenções, que valorizam a discussão sobre o trabalho no modo de produção capitalista.

A modalidade clínica proposta por Bohoslavsky (1977 apud Lemos, 2001) parte do pressuposto de que os indivíduos são multipotenciais e as profissões são amplas o bastante para permitir certa variedade de indivíduos em cada ocupação e certa variedade de ocupações para cada indivíduo. Esta proposta estuda o tipo de vínculo que os indivíduos realizam com suas atividades profissionais presentes e futuras e como estes influenciam no processo de constituição da identidade vocacional/profissional.

Lemos (2001), pressupõe que o indivíduo é capaz de chegar a uma decisão profissional se conseguir elaborar os conflitos e ansiedades em relação ao futuro. O orientando possui, portanto, um papel ativo, o orientador ajuda a aprofundar seu conhecimento pessoal e a resolver conflitos que impedem a tomada de decisão, ao mesmo tempo em que aproxima o indivíduo da realidade ocupacional, possibilitando a correção de imagens profissionais fantasiosas ou distorcidas.

Para Bohoslavsky (1977), o processo de constituição da identidade profissional ocorre desde a infância, a partir das inúmeras identificações que o indivíduo irá realizando durante sua história de vida com adultos significativos que desempenham papéis profissionais. Essas identificações vão sendo incorporadas à personalidade tornando-se próprias. Das gratificações ou frustrações com esses profissionais significativos, nas relações atuais e passadas, se constituirá o tipo de relação com o mundo adulto em termos profissionais e a formação do ideal de ego, ou seja, é a partir do que se admira e deseja e do que se rejeita que surgirão as expectativas a respeito de si mesmo e as aspirações do modo de ser que se quer alcançar.

Bohoslavsky (1977) sugere que uma escolha ajustada é aquela onde os conflitos possam ser elaborados e resolvidos, e não controlados e negados. É uma escolha que se baseia na possibilidade do indivíduo de mobilizar seus recursos (organização do ego e utilização das funções egóicas), colocando-os a serviço do processo de escolha, avaliando suas capacidades e características pessoais (gostos, interesses, aspirações, aptidões), e confrontando-as com a viabilidade de seguir ou não as carreiras pretendidas (avaliação da realidade).

Portanto, os aspectos envolvidos na escolha de uma profissão constituem-se num entrelaçamento de fatores externos – momento histórico e social – e internos – processos psíquicos. É necessária a consideração de ambos para que o indivíduo possa

conhecer as dificuldades encontradas pelas gerações atuais na constituição de sua identidade como um todo, e profissional em particular. (LEMOS, 2001)

Segundo Lenin (2001 *apud* Silva, 2001), a diversidade de opções que o mundo pós-moderno oferece e sua constante renovação fazem com que o processo de constituição da identidade do indivíduo se torne muito mais complexo, uma vez que o mesmo precisa ser constantemente redefinido, reordenado e remodelado em função das constantes escolhas. Nas palavras de Giddens (1994, p. 144 *apud* Silva, 2001): “... os indivíduos não têm escolha a não ser a de fazer escolhas, e essas escolhas definem quem eles são. As pessoas têm de construir suas próprias biografias, a fim de manter um senso coerente de auto-identidade”.

A identidade ocupacional segundo Erickson (1972 *apud* Silva, 2001) não se forma abstratamente, mas a partir de conhecimentos reais ou de percepções fantasiosas. Por exemplo, um adolescente não quer ser um engenheiro abstrato, mas quer ser como um engenheiro determinado, real ou imaginário, que possui qualidades e vantagens muitas das quais provenientes, real ou supostamente, da posição ocupacional que ele exerce. Portanto, o “outro” está sempre presente na escolha profissional, seja por meio de modelos e identificações, seja por meio das relações interpessoais estabelecidas, seja no contexto social mais amplo onde a profissão está inserida.

Moura (2004 *apud* Neiva, 1995) ressalta que uma escolha madura deve envolver dois tipos de conhecimentos os aspectos pessoais de quem escolhe (auto conhecimento) e o que se refere a aspectos externos a quem escolhe (conhecimento da realidade profissional). A mesma autora afirma que o processo de autoconhecimento é fundamental para a formação da auto-imagem do adolescente e assim, formular aspirações profissionais compatíveis com as suas características pessoais.

Quanto ao conhecimento da realidade profissional, é importante saber quais profissões que existem e são acessíveis a sua realidade. Desta forma, ele poderá considerar se a realidade corresponde as suas expectativas de estudo e trabalho no futuro. Das informações que Moura (2004) considera importante para o conhecimento da realização inclui-se o objetivo da profissão; atividades específicas: permanentes e ocasionais; cursos de formação: escolas ou universidades, currículos, duração, titulação, exigências etc; áreas de especialização; mercado de trabalho: quem emprega, oferta versus demanda de emprego e faixas salariais. Nesse sentido é de extrema importância que o adolescente tenha conhecimento das possibilidades de atuação, os currículos dos

cursos, o mundo de trabalho dentro do sistema político-econômico vigente, objetivos do curso e locais de trabalho.

Além disso, Moura (2004 *apud* Macedo, 1998) ressalva a questão dos critérios de escolha quanto à profissão como, por exemplo, satisfação pessoal, compensação financeira, status social, desafios, entre outros. É preciso delimitar os critérios para que evite possíveis incongruências. Segundo Carvalho (1995) não se pode pensar, conseqüentemente, em uma boa escolha profissional sem levar em conta as aptidões, interesses, valores, medos, interações familiares, da escolaridade e da realidade sócio-econômica e a cultura em que ele vive.

Em caráter complementar Carvalho (1995) expõe que também não se pode pensar em uma boa escolha, sem conhecer melhor as instituições educacionais e de produção a que ele pretende se vincular, mostrando a importância de um conhecimento das possibilidades de estudo e de trabalho por meio de informações, bem como fazer com que o adolescente perceba que este processo é contínuo e longo, que teve suas origens na infância, que continuará após a orientação num movimento de autoconscientização e de conscientização do meio que o circunda.

A partir das variáveis autoconhecimento, conhecimento da realidade e critérios de escolha, Moura (2001) realiza um modelo teórico e prático para a orientação profissional que será tomado como base no estudo em questão.

O projeto de orientação profissional aqui exposto, teve como objetivo promover reflexões a cerca da escolha profissional, através da estimulação da busca de autoconhecimento dos participantes, bem como o conhecimento da realidade do mercado de trabalho, promovendo discussões sobre os critérios de escolha.

Metodologia

Foram realizados quatro encontros aos sábados no período de um mês, sendo que o último encontro ocorreu um dia antes da prova do vestibular. Os recursos utilizados consistiram basicamente em uma reprodução das técnicas propostas por Moura (2004) para um programa de orientação profissional. Tais tiveram por objetivo promover o autoconhecimento, instigar a reflexão sobre suas escolhas, bem como buscar informações sobre a realidade profissional e o mercado de trabalho. No último encontro procurou-se amenizar a ansiedade dos participantes e desmistificar algumas

crenças a respeito da realização da prova do vestibular, já que este ocorreria um dia após o encontro.

Resultados e discussão

Como os participantes já haviam efetuado sua escolha através da inscrição no vestibular, o trabalho da orientação foi direcionado a fazê-los refletir sobre os fatores que o fizeram escolher e fazê-los perceber quais as possibilidades dentro de cada opção. Assim cada participante, apesar já de antemão ter feito sua escolha profissional, tinham suas dúvidas e incertezas a respeito da mesma. O início do processo teve como objetivo uma aproximação dos participantes para o conhecimento da condição que estes estavam fazendo a sua escolha e quais os aspectos que poderiam estar permeando ou de alguma forma interferindo na eleição de uma carreira profissional. A este objetivo os participantes demonstraram-se abertos a colocar sobre suas histórias de vida, colocaram de maneira bastante intensa as suas dúvidas e demonstraram ter uma boa aceitação a aproximação dos orientadores. Nesse sentido, foi estabelecido um bom vínculo com os participantes, o que promoveu mais facilmente o alcance dos objetivos gerais do projeto.

Em um segundo momento depois de identificados os interesses iniciais dos participantes levantou-se questões sobre o conhecimento que estes tinham de suas escolhas prévias e como poderiam esclarecer muitas das dúvidas que ainda tinham a respeito de determinadas profissões. Também buscou-se deixar aberta uma reflexão a respeito de quais possibilidades existiam além da formação na graduação. Sob este aspecto os participantes mostraram-se ainda com algumas idéias estereotipadas a respeito de algumas formações profissionais. Alguns participantes sentiram-se mais confiantes ao perceber que ainda teriam outras possibilidades de escolha dentro da profissão, ou seja, teriam a possibilidade de focar em uma especialização de seu interesse após o curso de graduação.

Num terceiro momento procurou-se aprofundar o conhecimento que os participantes tinham sobre si próprios, quais características eram mais marcantes em sua personalidade e sua relação com a possível situação profissional prevista pela escolha. Sob este aspecto os participantes revelaram-se surpresos com a dificuldade de falar sobre si, porém não ofereceram resistências ao exercício de auto-conhecimento proposto.

A partir do que foi proposto pelos orientadores, o grupo teve uma participação ativa, no qual se mostraram estimulados a refletir sobre sua própria escolha. O grupo já possuía um relacionamento interpessoal satisfatório, o que facilitou o processo de intervenção. Além disso, os encontros possibilitaram um vínculo mais intenso entre os orientandos e destes para com os orientadores.

Dentre as dificuldades evidenciou-se que a carga horária de cada encontro foi limitada, bem como o número total destes. Nesse sentido, foi necessário que os orientadores atuassem de forma mais objetiva, limitando-se a abordar questionamentos de interesse geral do grupo. Além disso, a frequência de alguns participantes não pode ser global, pois os encontros foram realizados em horário impróprio, visto que se dava no momento de almoço e após as aulas didáticas.

Por fim, mesmo os orientandos já terem realizado suas escolhas, a orientação se pautou no intuito de instigar uma reflexão desta escolha. Apesar disso, os participantes demonstraram-se estimulados às novas possibilidades de re-significação de uma escolha não só profissional, mas também a nível de escolhas pessoais.

Considerações finais

A realização desta intervenção mostrou-se significativa para a fixação do aprendizado obtido em sala de aula, além de propiciar um desafio dentro do campo da orientação profissional, pois neste caso em específico teria que ser efetivada pelos orientadores em apenas quatro encontros. Além disso, o público da demanda a ser trabalhada já haviam realizado sua escolha de graduação, visto que o período de inscrições para o vestibular já estava encerrado.

Para tanto foi proposta uma reflexão acerca da escolha profissional vivida até então, em que os objetivos almejados pelos orientadores foram prontamente correspondidos pelos participantes que tiveram um bom aproveitamento das atividades. Dessa forma frequentemente os participantes reafirmavam a satisfação em participar da orientação, de poder questionar sua escolha profissional e até mesmo outras escolhas pessoais.

Foi elaborado uma proposta de intervenção com uma forte conexão com o projeto de orientação proposto por Moura (2004). Entretanto, as discussões foram além de apenas uma abordagem, pois integrou-se ao planejamento dos encontros técnicas consideradas produtivas, independente da abordagem teórica.

Vale ressaltar que uma intervenção bem estruturada é aquela que se organiza a partir de uma investigação detalhada da real demanda através de uma escuta minuciosa dos participantes de uma orientação profissional. Pois, nem sempre o público está em uniformidade com um modelo fixo de orientação. Além disso, o orientador deve possibilitar que o sujeito se sinta responsável pela sua própria escolha e atribua um olhar ao orientador como um facilitador nesta escolha.

Referências bibliográficas

CARVALHO M. M. J. **Orientação profissional em grupo: teoria e técnica.** Editorial psy. São Paulo: 1995.

FILOMENO, K. **Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica.** 1º Ed. São Paulo: Vetor, 1997.

LEMOS C. G. **Adolescência e escolha da profissão.** 1º Ed. Vetor. São Paulo: 2001.

MOURA, C.B; SAMPAIO, A.C.P; GEMELLI, K.R; RODRIGUES, L.G; MENEZES, M.V. **Avaliação de um programa Comportamental de Orientação Profissional para adolescentes.** Revista Brasileira de Orientação Profissional. V. 6. N. 1. 2005.

MOURA, C.B. **Orientação Profissional Sob o Enfoque da Análise do Comportamento.** Editora Alínea. São Paulo: 2004.

NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional.** 1º Ed. São Paulo: Vetor, 2007.

SILVA L. L. M., JACQUEMIN A. **Intervenção em Orientação Vocacional/ Profissional: avaliando resultados e processos.** 1º Ed. Vetor. São Paulo: 2001.